

TREM DO DESEJO...fotografias despregadas do real

Wenceslao Machado de Oliveira Jr

*Uma jangada
à deriva a céu aberto
leva os corações despertos
a sonhar
por terras livres*

(Vander Lee na voz de Maria Bethânia)

Qualquer fotografia une planos num só plano, desloca um lado da rua para o lado oposto, torna planos variados um plano só, estabelecendo continuidades que só existem nela quando num jardim as plantas se desdobram umas nas outras, subindo juntas na direção das flores. Distâncias extensivas deixam de existir e justamente esta ausência permite a aparição de outras formas visuais, intensivas, as quais provocam imaginações inusitadas de espaços outros, despregando-nos do aprisionamento do real, levando-nos, caso nos deixemos levar na jangada solta no mar, a horizontes nunca antes encontrados: terras livres descobertas na própria deriva imaginativa pela fotografia, lugares onde não há distâncias de profundidade entre as coisas, onde rosas encimam sapatinhos-de-judeu que por sua vez têm como sua base um gramado verde. Seres híbridos – aqueles que estariam em vários planos no além-foto chamado de real – na imagem fotográfica configuram um só espaço onde eles são inseparáveis, um só lugar onde nada existe entre eles, pois sua materialidade está grudada à visualidade planificada na fotografia. Melhor dizendo, se há algum espaço entre eles – e pode haver muitos... amplos, restritos, barulhentos, silenciosos, moventes... pois um prédio desliza sobre o outro, desaparece, ressurgue em outra parte... uma flor

perfuma de rosa a grama que a embasa –, ele terá de ser escavado na imaginação, intensivamente, preenchido com a luz do sol, com os ruídos de carros, com o canto dos pássaros, com alguma brisa que sopra no vazio visual que os separará na imaginação de algum observador.



Legenda: As fotografias paulistanas de Aziz Nacib Ab'Saber em "São Paulo – ensaios entreveros" (São Paulo, Imprensa Oficial/Edusp, 2004).

Num pensamento vinculado ao hábito de ver na foto somente o espelho do real haverá, nesta fotografia, apenas o reflexo de um prédio no outro em certa hora do dia. No pensamento daqueles que foram

despertados para a fotografia como linguagem, como artefato e artifício humano de produção do real, não é o simples reflexo que transpôs o prédio de lugar, mas sim a fotografia que gravou, pelas mãos do fotógrafo, a luz do dia naquele horário desta maneira, luz que amalgamou os dois prédios num único e mesmo plano, híbrido de espaços, pleno de potencialidades de desdobrá-los em mil conexões e cidades.

Seria interessante deixar de olhar as fotografias como espelhos do real, como provas da existência de algo fora delas? É certo que elas até podem vir a ser estes espelhos e provas da realidade, pois em certos contextos sociais elas assim o são usadas para que alguma forma de poder se exerça. É o que ocorre nos livros didáticos que apostam no uso das fotografias apenas como ilustração de algo dito no texto, provando, a partir de sua visualidade, a existência de formas e cores animais, humanas, paisagísticas.

Cabe perguntar: o que vem a ser o conhecimento escolar? É aquele que diz o que existe nos lugares, nos ambientes, no mundo (com)provado pelas imagens e palavras impressas ou é aquele que, a partir do existente nas imagens e palavras, circula por entre as pessoas a criar pensamentos acerca dos lugares, dos ambientes, do mundo? Ambos tipos de conhecimento configuram currículos onde fotografias podem apenas servir de prova e memória visual de algo, como também podem servir de porto para pensamentos vastos de onde partem nossos barcos e jangadas das memórias pessoais para um mar aberto de conversas que reverberam das fotos em direção ao mundo onde nós vivemos... para além e para além dos livros didáticos.

Quando nós professores vemos nas fotografias a potência criadora de mundos que subjaz a cada uma delas – para além da potência ratificadora da escrita didática ou da oralidade docente na qual as fotos normalmente aparecem nos ambientes escolares – fazemos das escolas locais onde se aprendem os sentidos e usos para além dos habituais das linguagens, encontramos em obras da linguagem fotográfica algo que faça estes sentidos e usos habituais deslizarem sob nossos olhos, tornando as

fotos tanto obras que nos levam a conhecer o mundo como a produzir outros, que se colocam na tensão entre evidências e devires, obras que nos capturam nelas, mas que ao fazê-lo trazem para si nossos mundos de desejos, de memórias, de imaginações que nela reverberam e dela repercutem em cada um de nós, levando-nos para fora dela, encontrando nelas não – somente – os índices visuais da realidade além dela, mas também e, sobretudo, as conexões que nossos desejos fazem delas com todo o mundo que pulsa em cada um que as olha.

Por isso, podemos dizer que nas fotografias é preciso perder-se da realidade para que espraíem delas pensamentos repercutidos nos corações despertados pela própria potência fotográfica em fazer proliferar imagens que, apesar de manterem-se nas proximidades do real – continente – além-foto pela sua verossimilhança, lançam este mesmo real às terras livres – arquipélagos – da imaginação.



Ao lançar os alunos nas conexões múltiplas a que as fotografias remetem, liberamos seus pensamentos ao turbilhão das possibilidades que cada detalhe da imagem traz em si mesmo. Trazemos para as proximidades da imagem os saberes dos alunos, tornamos as fotografias locais de escuta nossa, docente, destes saberes discentes que penetram nas fotografias para saírem outros. Em cada um que mira a fotografia brota um trem que deseja sempre ir mais longe, conectar-se a outros ramais, distanciar-se do lugar original, embaçá-lo, deixar a fotografia mirada tornar-se somente um ponto, porto para o qual o desejo é capturado somente pelo olhar, enquanto os demais sentidos promovem rasuras na própria visualidade capturada. Rasurada, a visão se prolifera em devires múltiplos nas palavras e imagens das crianças e jovens que não mais são aprisionados no real fotográfico, mas dispersados em suas próprias

realidades que cruzam e extravasam a este mesmo real que, frágil, permanece por um fio, enquanto vê suas bordas deslizarem por amplos horizontes... a céu aberto.

Estes escritos se fizeram, por assim dizer, fora de mim, uma vez que foi da escuta insistente do cd Encantadeira, de Maria Bethânia – o repetir da música Estrela por infinitas vezes –, de onde me chegou o trem do desejo. Aprendi a usar palavras em Minas Gerais e lá a palavra trem tem sempre muitas linhas a seguir... sejam elas de fuga ou de chegada.



REFERÊNCIAS:

Muitas entrelinhas nas linhas: a evidência e o devir de Alik Wunder e Susana Oliveira Dias em “Deslizes pela superfície do acontecimento fotográfico” (Sorocaba, Revista de Estudos Universitários, 2010); o continente e os arquipélagos de Ana Godoy em “A menor das ecologias” (São Paulo, Edusp, 2008); a intensidade de Gilles Deleuze em “Kafka, para uma literatura menor” (Lisboa, Assírio & Alvim, 2003); a imaginação reverberada e ressonante em “A poética do espaço” de Gaston Bachelard (Rio de Janeiro, Eldorado, 1972).

sobre o(a) autor(a):

Formado em Geografia, atua como professor no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e é pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais - Olho, ambos da Faculdade de Educação da Unicamp. Pesquisa e orienta trabalhos acerca das imagens e suas geografias.